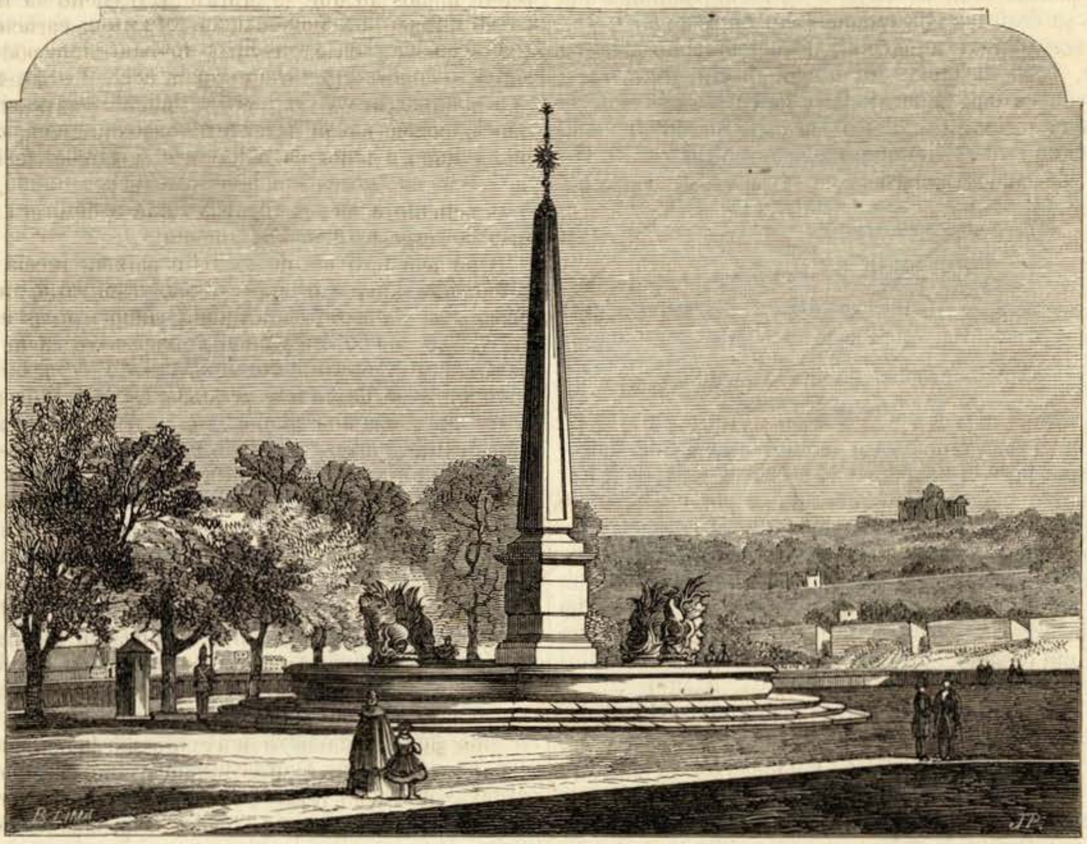


Chafariz do largo das Necessidades

Não figura Lisboa entre as capitaes que se adornam com esplendidos chafarizes. E sempre foi assim, pois que no proprio tempo da sua prosperidade e grandeza as artes tão sómente se esmeravam na ornamentação dos templos e mosteiros. Nem o monarcha nem o povo pensavam em commemorar os grandes feitos, ou aformosear as cidades com outro genero de monumentos.

Houve, é certo, alguns chafarizes de muita nomeada, que foram destruidos completamente pelo terremoto de 1755, taes como o do *Terreiro do Paço*, o do *Rocio*, e sobre todos o *dos Cavallos*, assim chamado pelos cavallos de bronze que lançavam a agua no tanque, e que ficou celebre na historia de Lisboa pela estima que o povo lhe consagrava, e pelo esforço e coragem com que obstou a que os castelhanos, commandados pelo seu rei D. Henrique II, levassem para Castella aquella obra de arte, quando, em guerra com D. Fernando de Portugal, vieram pôr cêrco a Lisboa, no anno de 1373, roubando e incendiando os arrabaldes e a parte da cidade que estava fóra da cêrca mourisca, onde se erguia o dito chafariz [1].

Não obstante tudo isto, a antiga Lisboa não possuiu, como não possue a nova, um unico chafariz que mereça o epitheto de monumental, ou seja pelo grandioso da fabrica, ou pela excellencia do trabalho artistico.

Projectou-se por vezes a construcção de um chafariz sumptuoso; e de uma d'essas vezes, reinando D. Maria I, chegou-se a designar o campo de Sant'Anna para local da fundação, e a executar-se algumas estatuas colossaes que deviam decoral-o. Porém a obra não passou d'isto.

[1] Estava situado proximo da egreja parochial de S. Julião, que ficava no sitio onde agora vemos o quarteirão com frente para a rua dos Algibebes, rua do Oiro e rua Augusta.

O mais bello de todos que existem actualmente, antigos e modernos, é, sem dúvida, o do *largo do Paço de Nossa Senhora das Necessidades*.

Foi mandado construir por el-rei D. João V, logo depois de ter fundado o visinho palacio real e o convento contiguo de Nossa Senhora das Necessidades. Lançou-se a primeira pedra nos alicerces do chafariz no dia 8 de setembro de 1747.

Sóbe-se para o tanque por uma escadaria de tres degraus, que o circunda. Eleva-se do centro do tanque um pedestal quadrangular, que serve de base a uma alta pyramide, de quatro faces, inteiriça e coroada por um globo espinhoso, com uma cruz em cima. São de bronze o globo e a cruz, e de marmore côr de rosa a pyramide. No pedestal d'esta acha-se gravada a seguinte inscripção:

B. V. Mariæ Dei Gen.
Joannes V *Lus. Rex.*
Obse. Servatum Posuit
Die Natalis suo
An. Dom. MDCCXLVII.

Em vulgar, quer dizer: *D. João* V, *rei de Portugal, em honra e louvor da Bemaventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, lançou a primeira pedra n'este monumento no dia da festa da sua Natividade, no anno do Senhor de* 1747.

Sae a agua da boca de quatro grandes carrancas, cada uma das quaes está collocada entre dois golphinhos, fazendo-lhe cercadura e coroa plantas marinhas. Estes quatro grupos, de boa esculptura em pedra lioz, estão dispostos entre a borda do tanque e cada uma das faces do pedestal da pyramide.

É alimentado este chafariz pelo aqueducto das Aguas Livres. Não está no centro do largo, ao qual corres-

ponde o portico da entrada principal do paço, mas um pouco para o lado de oéste, em frente da capella real de Nossa Senhora das Necessidades.

Do palacio real, do largo e do lindo panorama que d'elle se desfructa, já fallámos em outro logar [1].

A nossa gravura é cópia de um desenho original do sr. Barbosa Lima. No fundo da gravura vê-se o arvoredo da tapada da Ajuda, e na parte mais elevada o observatorio astronomico em construcção, fundado á custa do real bolsinho do magnanimo rei o sr. D. Pedro v, de saudosa recordação. I. DE VILHENA BARBOSA.

UM AMOR DE PAGEM

(Vid. pag. 67)

V

ONDE O CAMÕES DO ROCIO CAMINHA DE SOPRESA EM SOPRESA

— Dá licença? dissera o astuto Souto-Mayor, entreabrindo a porta e introduzindo a cabeça pela abertura.

O nosso pagem ficou aterrado, e por um instante perplexo. Teve primeiro a idéa de se esconder, fazendo suppor ao confidente de D. João v que estava o quarto deserto. Mas o Camões do Rocio já vira um vulto feminino, e, apesar de ter vista curta, o digno juiz do crime não consentiria que se lhe esvaísse em fumo um vestido de mulher que elle divisára distinctamente.

D. Luiz recuou sobresaltado, e apagou a lampada, cedendo a um movimento instinctivo. Mas a lua brilhava alta no ceo, e os seus pallidos raios, coando-se pelos vidros da janella, illuminavam indiscretamente o aposento, e enchiam de branca luz o vidro do espelho que brilhava no fundo sombrio do toucador.

— Dá licença? tornou o Camões, abrindo mais a porta, e ajustando melhor os oculos, a fim de poder explorar o quarto.

— Entre, respondeu D. Luiz timidamente.

E procurou esconder-se no canto mais escuro do aposento.

Caetano Souto-Mayor entrou, mas, como tinha pessima vista, entrou ás apalpadellas, apesar do luar.

—Virei por acaso incommodal-a, sra. condessa? disse elle esbarrando no toucador; creia v. exc. que, se não fossem as ordens positivas del-rei, nunca me atreveria...

— Del-rei! murmurou involuntariamente D. Luiz.

Mas o Camões do Rocio, se tinha maus olhos, possuia em compensação um ouvido finissimo, por isso não lhe escapou a exclamação da pessoa que suppunha ser a condessa de San-Pablo, apesar d'essa exclamação não ter passado de um sôpro.

— Oh! minha senhora, disse elle com certa malicia, não tire da minha qualidade de sacerdote de Themis consequencias assustadoras. Hum! não ha negocio de prisões de estado. Sua magestade por ora ainda não nomeou a deusa cega vingadora das affrontas que o deus cego recebe das nymphas de Diana. E em todo o caso, se assim fosse, em vez de receber a minha visita a estas horas, receberia a do meu amigo José Vaz de Carvalho, corregedor da corte. Não ha n'este negocio outro captivo que não seja sua magestade, que se considera muito feliz com os grilhões que as suas niveas mãos lhe lançaram. Mas, segundo vejo, continuou o Camões procurando em torno de si uma cadeira, apagou-se-lhe a luz. Quasi que não é necessaria. Os seus olhos bastariam para illuminar a casa, ainda que Diana não inundasse o quarto com o seu branco esplendor. É um doce clarão este do astro nocturno, suave protector de namoradas palestras. Falla-se melhor de amor quando a lua nos illumina. Pelo menos era assim nos meus tempos. Bons tempos! Que de entrevistas ao luar, *per amica silentia lunæ*. Como vê, não esqueci o meu Virgilio. Ai! é menos facil esquecer os versos do Mantuano, do que as doces palavras que se pronunciam quando se tem os labios e o coração em flor. As abelhas dos vinte annos lá vão colher o mel que perfuma depois a eloquencia amorosa. Da eloquencia esqueci-me eu, de virem colher o mel esqueceram-se ellas. Aos quarenta annos já não ha abelhas, e principia a haver cãs. Ruim substituição! Pois eu agora bem precisava d'ellas, ainda que não fosse senão para justificar a confiança que em mim depositou sua magestade.

Como vêem, o Camões do Rocio manobrava com rara habilidade estrategica. Pouco a pouco, pouco a pouco, fôra-se aproximando do assumpto principal da sua visita. A confiança de sua magestade, como elle dizia, encarregára-o da difficil missão de proteger, como atirador da vanguarda, os interesses amorosos del-rei. Era missão espinhosissima, na verdade, principalmente áquellas horas; por isso Caetano José da Silva Souto-Mayor se alongára tanto no prologo, por isso não desgostára da ausencia da luz. No principio de uma conferencia como aquella nunca deixa de ser bom que as trevas envolvam a physionomia do negociador.

O Camões do Rocio sentou-se, sacou da algibeira uma caixa de rapé, com o retrato de sua magestade cercado de diamantes, abriu-a, tirou uma pitada, e sorveu-a vagarosamente. Reinava profundo silencio dentro e fóra do aposento. A lua projectava no tapete da sala uma longa faixa prateada, que dava um relêvo phantastico ás figuras bordadas no matiz da alcatifa. Souto-Mayor principiou a inquietar-se com este silencio. A condessa, ou, antes, D. Luiz, escondido na sombra, não dizia palavra, e, com o suor a escorrer-lhe na fronte, dava tratos á imaginação para ver o modo como se havia de tirar d'aquelle passo difficil. O Camões assestou os oculos para o vulto feminino, que se conservava immovel e silencioso, e não teve a minima dúvida sobre a identidade da dama de honor. Esta, na pressa com que partiu, em vez de dar a D. Luiz o vestido que o pagem trouxera, envergára-lhe o seu proprio vestido de viagem, que encontrára em cima de uma cadeira. Caetano José da Silva Souto-Mayor não podia desconhecer esse trajo. Portanto, as suas dúvidas, se por um momento as teve, desvaneceram-se logo.

Suppoz que a sua visita, apesar da ordem del-rei, a teria offendido, e que esse silencio cheio de dignidade não era mais do que um mudo protesto contra a violação de domicilio.

— Oh! meu Deus! Minha senhora, continuou elle gravemente, sua magestade obedeceu, dando-me esta ordem, ás mais delicadas intenções. Perguntou primeiro á sra. D. Anna de Lorena se a sra. condessa já estaria deitada. Respondeu-lhe a camareira-mór da sra. princeza do Brasil que, estando sua alteza com o somno muito inquieto, v. exc. dissera que vinha ler para o seu quarto, mas que a fossem chamar logo que sua augusta ama acordasse. «Bem, acudiu sua magestade, n'esse caso podes ir já, Souto-Mayor, levar-lhe a boa noticia.» Essa boa noticia adivinha qual é? Sua magestade recebeu hoje correio de Hespanha. Dignára-se o nosso augusto monarcha manifestar ao sr. D. Filippe v o desejo que tinha de possuir o conde de San-Pablo algum tempo na sua corte. Sua magestade catholica graciosamente communica pelo correio de hoje, que, tendo o marquez de Capecelatro pedido licença para ir a Hespanha tratar de seus negocios, virá substituil-o o marido de v. exc. A ordem del-rei foi-me dada em presença de toda a corte. Já vê, pois...

Uma explosão de gritos, que rebentou de subito no corredor, fez estremecer D. Luiz, e pular na cadeira

[1] Vid. pag. 137 do vol. v.

o mensageiro da boa nova. Ouviu-se o tiple esganiçado de mulheres gritando por soccorro, logo depois o passo precipitado dos archeiros, em seguida o baque de alguns corpos pesados no sobrado, e, a final, um vozeirão de baixo-profundo pronunciando um *Quos ego* infructifero, que ainda mais irritava as ondas em vez de as acalmar, talvez porque o novo Neptuno traduzia o verso de Virgilio na pouco melliflua prosa de «Raios as partam!» «Má peste as mate!» e outras amabilidades de egual jaez.

O Camões do Rocio correu n'um pulo á porta; seguiu-o D. Luiz na intenção de se escapar a favor do barulho; mas, quando Souto-Mayor chegava exactamente ao limiar, um furacão, debaixo da fórma de uma mulher ou do que quer que era que se envolvia atrapalhadamente n'uns fatos femininos, caíu de subito em cima d'elle, e lithographava-o no meio do chão, se instinctivamente o amigo de D. João V não abrisse os braços e não ficasse d'essa fórma seguro aos alizares da porta. Atraz da tal figura hybrida vinham correndo uns archeiros, que, ainda tontos de somno e cegos pelo fulgor das luzes, que um bando de mulheres, em trajos mais ou menos ligeiros, traziam nas mãos, esbarravam uns contra os outros, em quanto dois ou tres dos seus companheiros se levantavam derreados, apalpando os gallos que, em vez de cantarem á meia noite, lhes nasciam áquellas horas.

O Camões do Rocio era baixo e gordo, mas, apesar d'essa apparencia pouco marcial, era valente; por isso, irritado com o encontrão que levára, estendeu a mão, agarrou com quanta força tinha nas sáias da virago, e puxou-a para si, bradando ao mesmo tempo:

— Em nome del-rei.

As sáias, levantando-se, revelaram a ponta de um espadim, e, d'entre uma coifa ou turbante, que velava modestamente o rosto da matrona, surgiu a cara assombrada, o nariz vermelho e os bigodes hirsutos do digno Braz Mattoso.

O Camões do Rocio ficou primeiro embasbacado, e depois desatou a rir. A final, dirigindo-se aos archeiros que seguravam nos braços de Braz Mattoso, que estava, de orelha caída, envolto ainda nas suas vestes femininas:

— Ponham esse homem a bom recado e participem ao sr. D. Francisco de Sousa [1] o caso que presenciaram.

Depois, voltando-se para as damas de honor e para as criadas, que não se espantavam de o verem alli, umas porque tinham ouvido a ordem del-rei, outras porque não tinham a indiscripção de se espantar do procedimento do valido e confidente de sua magestade, disse-lhes, sorrindo-se amavelmente:

— O bom vinho, de que amplamente foi fornecido o tinello dos criados, é inimigo figadal da chronologia. Este maganão errou as datas, e suppoz que já estavamos no entrudo, a não ser, continuou elle piscando os olhos e relanceando-os maliciosamente para o trajar um tanto primitivo de algumas damas, que, fatigadas da viagem, se tinham deitado mais cedo, a não ser que o espertalhão se inflammasse com a leitura dos *Lusiadas*, e quizesse apreciar melhor o episodio da ilha dos Amores.

A allusão acertou no alvo. As nymphas assustadas repararam no seu desalinho, e, meio rindo, meio envergonhadas, fugiram em debandada, deixando algumas ficar no campo da batalha os castiçaes que tinham trazido.

O Camões levantou serenamente um castiçal, e murmurou, suspirando:

— Boa caça, se eu podesse caçar por minha conta.

E continuou, voltando vagarosamente para dentro do quarto:

— Cautela, sr. juiz do crime! A sua dama chama-se «corregedoria de um bairro.» Trata-se de a requestar sem distracções.

[1] Este fidalgo commandava n'esse tempo a guarda allemã.

Entretanto D. Luiz tomára uma resolução. Desde o momento que o combate, por acaso infeliz, se travára mesmo á porta do quarto, era escusado pensar em retirada. O pagem, portanto, derramando lagrimas de raiva, percebeu que não tinha outro remedio senão confiar na amizade que o Camões do Rocio muitas vezes lhe manifestára. Sombrio e immovel á porta do toucador, esperou que o juiz do crime voltasse para dentro.

— Graciosa scena, sra. condessa, vinha dizendo Caetano Souto-Mayor, a metamorphose d'este...

A sopresa gelou-lhe a phrase nos labios. A luz do castiçal que elle trazia nas mãos bateu de chapa no rosto da supposta condessa, e o Camões do Rocio, pela segunda vez, n'essa noite, encontrava um homem em trajos femininos. É verdade que lhe seria facil tomar esse homem por uma senhora, se o digno juiz não reconhecesse logo a graciosa physionomia do seu joven amigo D. Luiz de Mello.

— Homem! Esta agora!... bradou o Camões parando estupefacto.

D. Luiz deu um passo para elle, murmurando:

— Meu bom amigo!

— Mas então que diabo de mania é esta? berrou o confidente del-rei pondo o castiçal em cima da mesa e cruzando os braços com um desespero comico, isto é mascarada geral, é metamorphose magica, ou é doidice epidemica? Diga-me se eu tambem estou vestido de mulher, sem saber de tal. Querem ver que el-rei é a rainha, a rainha é el-rei, a marqueza de Unhão sou eu, e eu sou a centopeia da camareira-mór? A final, é necessario entendermo-nos n'esta questão de sexos.

— Meu bom amigo, meu caro sr. Souto-Mayor, exclamou o pagem procurando acalmal-o, veja que o escandalo póde pôr em perigo a reputação de uma dama.

— Ah! diabrete! pagem de Satanaz! o que tu merecias era um bom puxão de orelhas! Agora é que pensas na reputação da tua dama! Foi por estares a pensar no modo de a conservar immaculada que te distrahiste a ponto de vestires um vestido da condessa em vez de envergares uma casaca tua, maganão! Não leves a esse ponto as tuas preoccupações virtuosas, rapaz, principalmente quando andas caçando nas coutadas reaes.

— Meu bom amigo, juro-lhe...

— Jura, já se vê, eu tambem jurei muito no meu tempo; no teu caso invocava os santos e santas da corte do ceo, pedindo-lhes mentalmente perdão do sacrilegio. Ora aqui está, continuou Souto-Mayor como fallando comsigo mesmo, aqui está a pedrinha em que veiu esbarrar o carro dos amores del-rei. Mulheres, mulheres! é sempre a velha historia de Venus e Adonis, de Diana e de Endymião. Ah! Fontenelle, Fontenelle! meu velho amigo, que com os teus setenta e dois annos és ainda o mais moço da nossa geração, que sempre o has de ser, ainda que chegues aos cem, como é provavel; ah! Fontenelle, como tu as conhecias bem quando escrevias o teu soneto *Apollo e Daphnis!* Apollo a prometter o imperio, a gloria, e Daphnis fugindo; mas se Apollo se lembrasse de dizer:

Je suis un jeune dieu toujours frais, toujours beau,
Daphnis, sur ma parole, aurait tourné la tête.

E o Camões do Rocio, depois de recitar os dois versos de Fontenelle na melopéa usual d'esse tempo, sorveu uma pitada, e abanou melancolicamente a cabeça ao ver mais uma vez confirmada a triste theoria de que as mulheres preferem os dezoito annos dos pagens aos quarenta annos dos monarchas, e ai! dos juizes de crime tambem.

D. Luiz ouviu-o com toda a paciencia, e, quando elle acabou, disse-lhe com seriedade:

— Sr. Caetano Souto-Mayor, rogo-lhe que me oiça com toda a attenção. Eu não posso consentir que na minha presença, e por causa do meu estouvamento, se joguem chascos a uma senhora que nenhuma culpa tem dos estranhos casos d'esta noite.

E, aproveitando a impressão que a solemnidade d'este exordio produziu no confidente del-rei, o pagem do duque de Cadaval contou-lhe, sem tomar o folego, toda a historia dos seus amores e da sua louca temeridade com tanta intimativa e tão sincero arrependimento do passo que elle dera, e que podia trazer comsigo consequencias graves, que o Camões do Rocio, apesar do seu habitual scepticismo, não pôde deixar de se convencer da verdade da historia, e de se condoer, por conseguinte, da posição do pagem.

Ora como elle era sincero amigo de D. Luiz de Mello, tratou de o pôr a salvo. Não seria prudente deixal-o sair sosinho, desde que a infausta aventura de Braz Mattoso pozera álerta as sentinellas dos corredores. Por conseguinte, Souto-Mayor offereceu-lhe o braço com a maior cortezia, e acompanhou-o até ao quarto. Os archeiros conheciam-n'o perfeitamente, e estavam costumados a vêl-o assim acompanhado. Deixaram-n'o, por conseguinte, passar, desviando até discretamente os olhos.

Ao atravessar a sala dos Tudescos, viram Braz Mattoso, que descia a escada principal, de orelha caída, escoltado por seis archeiros, que o iam depositar na casa da guarda.

Uma palavra ácerca do digno sota-cavallariço.

Como os leitores já adivinharam, o motivo do infortunio do veterano foi o elle teimar em seguir o *seu menino*. Foi sua complice n'esta empreza a sra. Josepha Dias, velhinha que, por intervenção de Braz Mattoso, que era muito estimado do duque de Cadaval, conseguíra ser empregada no paço. Vestido grutescamente, o veterano do marquez das Minas nem entraria no corredor das damas, se o archeiro, que já cabeceava quando D. Luiz passou, não estivesse resonando melodiosamente quando Braz Mattoso appareceu. Passou, por conseguinte, sem embaraço. Tratou logo de se pôr em communicação com o pagem, e para isso collou o ouvido a todas as portas, a ver se n'algum dos aposentos distinguia a voz do seu Luizinho. Uma das portas que elle estava explorando abriu-se de subito, e deu passagem a uma açafata da princeza do Brasil. A açafata, vendo aquelle vulto estapafurdio, cujos bigodes contrastavam tão singularmente com o sexo indicado pelo trajar, gritou assustada. Braz Mattoso quiz ver se a calava, pondo-lhe a sua larga mão na boca, mas os gritos suffocados da açafata ainda mais contribuiram para espalhar o sobresalto e o terror nos aposentos das damas. Á gritaria acudiram estremunhados os archeiros. Braz Mattoso desembaraçou-se de dois ou tres, e ter-se-hia posto a salvo se conhecesse melhor a topographia do palacio; mas, não a conhecendo, começou a correr ao acaso, o que fez com que fosse esbarrar no gordo e irascivel Camões do Rocio, que terminou, lançando-lhe a mão, a sua odysséa vertiginosa.

Em quanto elle descia para a casa da guarda, amaldiçoando o sexo feminino em peso, Caetano Souto-Mayor levava D. Luiz a porto de salvamento, e sabendo do pagem que a condessa de San-Pablo fôra mandada chamar pela princeza do Brasil, recolhia-se tranquillamente ao seu quarto para saborear algumas horas de somno.

Reinou, finalmente, socego no revolto paço de Vendas-Novas; tudo recaíu na primeira mudez, e a lua, resvalando no firmamento azul, continuou a banhar os vidros das janellas com o seu doce e candido clarão, e a espelhar a sua face formosissima no liso cristal das aguas do tanque.

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

BRASIL

CAMINHO DE FERRO DE D. PEDRO II (ESTAÇÃO DO RODEIO)

Se os caminhos de ferro são, como a experiencia geral nol-o está mostrando, os mais poderosos instrumentos para policiar e enriquecer as nações, pela rapida e benefica transformação que operam nos costumes publicos e na face economica do paiz, que resultados importantissimos não tem a esperar d'elles o Brasil?

Quando a locomotiva pozer em communicação accelerada as principaes povoações do imperio; quando tiver levado aos mais longinquos sertões do paiz o condão da industria, a vida do progresso, o Brasil ha de apresentar, sem dúvida, um quadro de grandeza e prosperidade como o que estão desfructando, com assombro do mundo, os Estados Unidos da America.

Aquella vegetação maravilhosa, que se adorna perennemente com as galas da primavera; aquelle solo de tão admiravel fecundidade, que nunca se cança de produzir; os numerosos rios caudaes, que por toda a parte o cortam, orlados de arvores gigantescas; as vastas e magnificas bahias e portos que se abrem na sua extensissima costa; em fim, essa opulencia illimitada com que o Creador alli dotou os tres reinos naturaes, sómente esperam, para se constituirem elementos activos do poder e da felicidade do Brasil, que o silvo da locomotiva, acordando os echos d'aquella natureza prodigiosamente potente, e por milhares de seculos adormecidos, annuncie através das mattas virgens e das montanhas prenhes de riquezas mineralogicas, haver soado a hora do engrandecimento e esplendor da nação brasileira. E felizmente já estão lançados os fundamentos, e já começam a crescer e avultar as paredes d'esse edificio grandioso; felizmente não só para o Brasil, mas tambem para Portugal, que por tão fortes laços de sangue, de tradições historicas e de reciprocos interesses participa da ventura e gloria do imperio.

Das linhas ferreas que se acham em construcção nas differentes provincias do Brasil, a que tomou o nome do soberano reinante é a mais importante pela sua extensão, pelo desenvolvimento em que já está a agricultura em grande parte do territorio que atravessa, pelos variados interesses que presentemente promove, e, em fim, pelas immensas vantagens economicas que promette para um proximo futuro.

Bastará dizer, para que se reconheça a verdade d'este quadro, que o caminho de ferro de D. Pedro II deve ligar as tres ricas provincias do Rio de Janeiro, de S. Paulo e de Minas Geraes, dando a estas duas provincias sertanejas, para a facil e prompta saída dos seus productos, um dos melhores portos do universo, a vastissima e formosa bahia em que se espelha a populosa e florescente capital do imperio.

Na serie de artigos em que tratámos da bella estrada normal de Petropolis ao Juiz de Fóra, publicados nos volumes VII e VIII d'este semanario, fallámos do caminho de ferro de D. Pedro II. Dissemos por essa occasião que este caminho corre, por certos pontos, proximo da estrada normal, pelo que virá a absorver quasi todo o movimento que anima esta estrada, e que devia compensar as enormes despezas feitas na construcção d'ella pela companhia *União e Industria*, que assim se viu forçada, para salvar os seus capitaes, a solicitar dos poderes publicos uma devida indemnisação. Por conseguinte, os nossos leitores estão habilitados, á vista dos referidos artigos e das gravuras que os acompanham, a ajuizar do aspecto geral do paiz, onde está lançada aquella via ferrea, e das difficuldades que o terreno oppõe a taes emprezas, obrigando-as a executar obras de arte arrojadas e dispendiosissimas.

Brevemente publicaremos uma linda gravura, re-

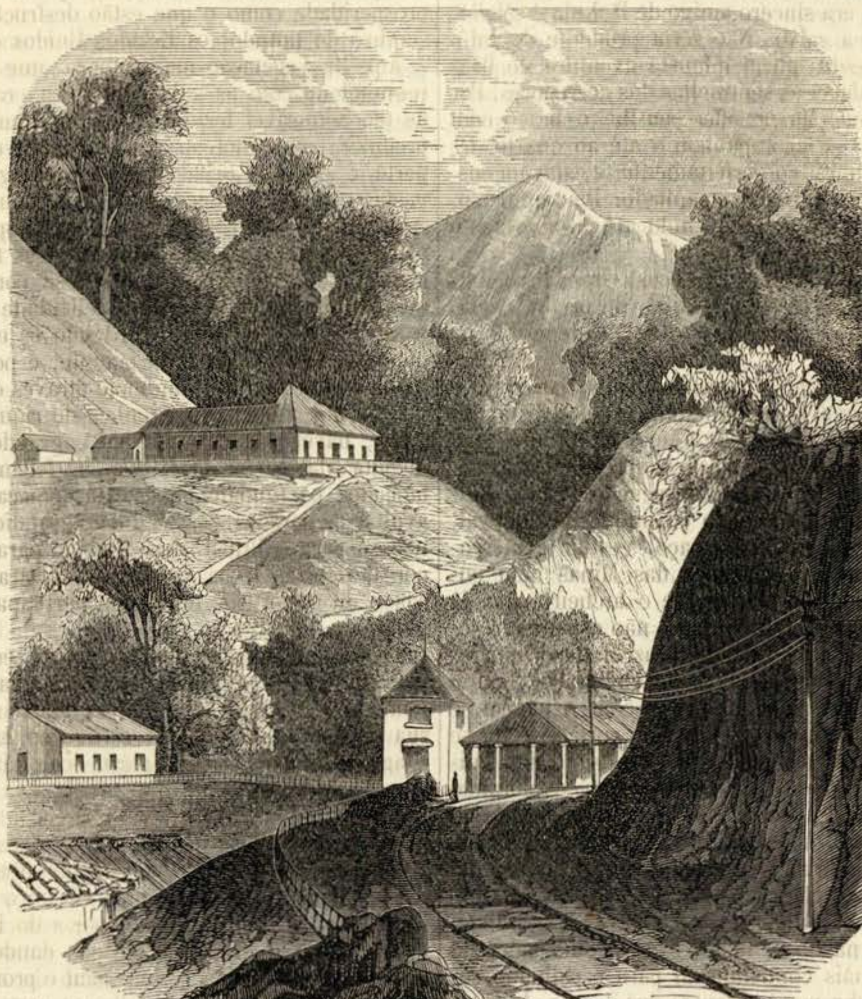
presentando uma das principaes obras de arte do caminho de ferro de D. Pedro II; e então accrescerão a estas escassas noticias outras escriptas por pessoa que vive no Brasil, e que tem viajado por aquelle caminho. Por agora diremos o que baste para explicação da gravura que adorna esta pagina, e que representa a estação do dito caminho de ferro, chamada do *Rodeio*.

Dista da cidade do Rio de Janeiro 85 kilometros. N'este trajecto atravessa a via ferrea onze túnneis. A estação acha-se mais elevada que a superficie do mar 500 metros; e, não obstante, ainda o caminho de ferro tem de subir mais 33^m,42 até ao ponto da montanha, d'onde começa a descer para o valle do rio Parahyba.

Quando se inauguraram os trabalhos da estação do Rodeio, o paiz adjacente era ermo e selvagem. A data d'este successo é ainda bem recente, e, todavia, aquella localidade já está completamente metamorphoseada.

Os mattos desappareceram para darem logar, não só ao prolongamento dos carris e aos edificios da estação, mas tambem á cultura, que se estendeu pelas planicies e subiu as encostas, e ás habitações que se foram sentar nas alturas sobranceiras ao caminho, como para d'alli presenciarem alegres, na passagem dos comboyos, a marcha triumphal da civilisação.

I. DE VILHENA BARBOSA.



Estação do Rodeio, no caminho de ferro de D. Pedro II

A MUSICA

I

A musica na antiguidade — A lyra de Orpheo — A harpa de David — Uma aventura de Stradella — Os assassinos convertidos pela musica — Como nem todos são egualmente sensiveis á musica — Assassinio de Stradella — Como de todas as bellas artes é a musica que menos deve á antiguidade — O gosto da musica e a educação musical.

É a musica a mais bella das artes bellas; a mythologia considerava-a o prazer dos deuses.

Diversas maravilhas conta a historia sobre a influencia da musica. Segundo a mythologia, Orpheo, filho de Apollo e de Clio, tocava lyra e cantava tão maravilhosamente, que os animaes ferozes acudiam a ouvil-o, e, como domesticados, ficavam em enlêvo magico encantados a ouvir os maviosos sons do divino chantre. Agammemnon, durante a sua ausencia, deixou junto de Clytemnestra um musico, cujos cantos sobre as virtudes a livraram das seducções de Egistho. Polybio attribuia á cultura da musica a pureza de costumes dos povos da Arcadia. Antigenide e Timotheo por meio da musica excitavam até á demencia o ardor bellicoso de Alexandre Magno, sendo necessario para o acalmar mudarem de tom. Os antigos philosophos julgavam que a musica curava da peste e outras enfermidades. Com os bellos accordes da sua harpa, diz a Sagrada Escriptura, acalmava David os accessos de demencia de Saul.

Em tempos mais recentes, conta a historia que os cantos de Farinelli curaram de alienação mental Fernando VI, rei de Hespanha. Uma aventura succedida ao celebre compositor e cantor Stradella, no meiado do seculo XVII, é um dos mais notaveis exemplos da influencia da musica.

Achando-se em 1674 Alexandre Stradella em Veneza, onde faziam grande enthusiasmo as suas composições e o seu canto, um senador da serenissima re-

publica, Priuli, homem de edade já avançada, convidou-o para mestre de uma sua amante, bella, joven e formosa, por nome Ortencia, que tinha uma magnifica voz de soprano, e que era muito amadora de musica.

Das numerosas entrevistas de Stradella e Ortencia resultou apaixonarem-se ambos um pelo outro, e uma noite fugiram para Roma. Priuli, exasperado com uma tal fuga, resolveu, com a raiva dos ciumes, mandar assassinar Stradella. Para realisar a sua vingança, o patricio veneziano ajustou com dois *bravi*, famosos assassinos da rainha do Adriatico, pelo preço de 300 sequins, a morte do celebre compositor.

Dirigiram-se os dois sicarios a Roma, onde se achava Stradella, e chegaram justamente dias antes de se cantar na egreja de S. João de Latrão o grande oratorio *S. Giovanni Battista*. No dia em que se cantou esta obra magistral, dirigiram-se á egreja com intenção de assassinar Stradella á saída; porém a bella musica do oratorio do celebre maestro, a sua melodiosa voz de tenor, bem como o seu expressivo canto, fizeram tal impressão sobre os dois *bravi*, que á saída, indo ao seu encontro, o abraçaram com o maior enthusiasmo, contando-lhe todo o occorrido, e como desprezavam o oiro e a ira do velho patricio Priuli, para conservar a vida ao genio que fazia a admiração da Italia e do mundo inteiro; e, o que é para admirar, nem quizeram acceitar coisa alguma do proprio Stradella!

Infelizmente para o celebre compositor, o velho senador da aristocratica republica ainda não estava vingado, e em Veneza havia mais *bravi*, e menos sensiveis ás bellezas da arte de Euterpe. No dia 4 de julho de 1678, em Genova, ao anoitecer, vindo Stradella e sua amante Ortencia, já então sua esposa, ao terraço agradecer as grandes ovações que lhe fazia o povo por occasião do grande successo da sua opera *La forza dell' amore paterno*, representada pela primeira vez na noite antecedente, ao retirarem-se depois de se ter dispersado a multidão, tres homens subiram ao terraço pelo lado do mar, e assassinaram Ortencia e seu esposo. Tinha então Stradella apenas 33 annos de edade.

Mais que todas as outras bellas artes impressiona a musica a nossa organisação. Falla mais ao sentimento que á razão; por isso se torna tão difficil apreciar os diversos systemas musicaes, perpetuar os seus monumentos, e, em fim, sujeitar a regras fixas e determinadas os resultados da invenção. Entretanto, não é possivel deixar de submetter a certas regras, denominadas de harmonia, as inspirações dos compositores de musica.

As regras de harmonia não são arbitrarias nem caprichosas; são o resultado das observações da nossa organisação e das meditações dos grandes mestres da sciencia musical. As obras primas de musica em todos os generos são a fonte onde habeis auctores foram beber os principios geraes da arte musical.

As bellas artes em geral, a esculptura, a pintura, receberam da antiguidade grande auxilio nos restos dos monumentos que chegaram até aos nossos dias, legando á posteridade padrões e modelos, alvo de todas as imitações, e que fixam assim as linhas da verdadeira belleza artistica.

A musica, porém, achou-se completamente privada de recursos analogos. A pouca musica antiga que chegou até aos nossos dias quasi que é indecifravel; de modo que os discipulos de Euterpe só poderam basear os principios geraes da arte musical nas analogias das outras artes.

Se o gosto da musica é dado ao homem pela natureza, póde-se dizer que a educação o completa, podendo mesmo fazel-o nascer nos individuos que o não tinham, ou por defeito nativo, ou por falta de exercicio da sensibilidade; de modo que nem toda a musica é para todos, sobre tudo hoje que tem prodigiosamente crescido as riquezas da harmonia. Ha certa musica que, para ser comprehendida e executada, e portanto para se tornar agradavel, precisa que o ouvido tenha préviamente sido educado ou habituado a comprehender aquella linguagem.

(Continúa) FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

O INFANTE D. HENRIQUE

(Vid. pag. 62)

IV

As qualidades do infante não eram só apreciadas por sua mãe. O mestre de Aviz, tão penetrante e experimentado, confiára de D. Henrique o armamento de toda a esquadra apparelhada na cidade do Porto, e lendo as cartas, em que este o avisava dos seus progressos, cada vez mais se confirmava no vantajoso conceito formado de sua aptidão. Quando recebeu ordem de navegar para Lisboa tinha o infante as coisas tão bem apercebidas, que, sem demora nem confusão, mandou embarcar os cavalleiros e ricos-homens do norte a bordo das naus e galés, largando da barra do Douro com os navios embandeirados de balsões, e os mastros cobertos de flammulas de variadas côres, ornadas de motes e divisas, e os homens de armas e bésteiros trajados de novo com sua libré, e com as librés dos fidalgos que os tinham assoldadado.

Quiz D. João I que o infante D. Pedro saísse a receber o irmão com oito galés, acompanhado do mestre de Christo, do conde de Barcellos, do prior do hospital, do almirante e do condestavel. O encontro no mar foi alegre e vistoso. Depois da saudação guerreira, as duas armadas entraram juntas na bahia de Lisboa, fundeando defronte do logar do Restello, aonde D. Henrique depois levantou uma egreja, e el-rei D. Manuel construiu o formoso templo de Santa Maria de Belem.

D. João I estava em Odivellas com a rainha, já enferma da molestia de que falleceu, quando o infante veiu pedir-lhe a benção. A boa nova da ordem em que trazia a esquadra havia-o precedido, e o pae, satisfeito e orgulhoso das prendas que via alvorecer em edade tão juvenil, não póde conter o jubilo, que não exclamasse: «Bem parece, meu filho, que o cargo que vos eu dei nam foi filhado por vós como por homẽ de vossa edade, cá segundo me cõtarom toda vossa frota vem muy bem aviada como de homẽ que tem vontade de me servir e acrescentar em sua honra, e bem podeis dizer, que tivestes maior deligencia em vosso corregimento, do que nós tivemos do nosso, pois que fostes prestes primeiro do que nós.» Este elogio na boca do mestre de Aviz, que os não liberalisava de leve, pagou o infante com usura de todos os cuidados e trabalhos; e o prazer com que, apesar da doença, a rainha logo após lhe abriu os braços e o louvou pela promptidão e acerto dos preparativos, não o ensoberbeceu menos, porque a ternura em D. Filippa não era cega nem parcial [1].

A morte da rainha não suspendeu a partida da frota. Pouco antes de expirar, como se uma illuminação divina lhe desvendasse os olhos e lhe rasgasse o véo impenetravel do futuro, D. Filippa não só annunciára a victoria, mas apontára até o dia em que a armada havia de soltar as velas. Compunha-se ella de cincoenta e nove galés, de trinta e tres navios grossos de guerra, e de cento e vinte vasos de transporte. Entre soldados e marinheiros, embarcaram cincoenta

1 Gomes Eannes de Azurara. *Chronica de D. João I*, p. III, cap. XXXV e XXXVIII. *Ibid*, cap. LI.

mil homens. Foi no porto de Lagos que o segredo da expedição se rompeu, e que, lida a bulla da cruzada, el-rei mandou pôr as prôas a embocar o estreito, avistando Ceuta no dia 14 de agosto de 1415, anniversario da gloriosa batalha de Aljubarrota [1].

A 21 saltavam em terra os infantes D. Henrique e D. Pedro, começando logo a combater a cidade defendida por Salat-Ben-Salat, o qual em tão grande aperto amargamente se arrependeu da imprudencia com que tinha despedido dias antes as tribus auxiliares, que tinham acudido a soccorrel-o quando a armada christã apparecêra pela primeira vez diante de seus muros. O temporal, que obrigou os portuguezes a apartarem-se, illudiu o kaid arabe. Suppondo-os desenganados da vaidade da empreza, adormecêra na vigilancia, e só despertou, mas tarde, a tempo em que tudo se unia contra elle [2].

El-rei tinha promettido ao infante D. Henrique, ainda em Lisboa, a primeira entrada nas praias de Ceuta. Lembrado da sua palavra, mandou-o com a armada do Porto sobre a Almina para principiar o desembarque, em quanto o grosso da esquadra, surgindo defronte do sitio aonde se erguia o edificio dos banhos, divertia a attenção dos moiros, inquietando-os por aquella parte. O infante obedeceu com jubilo, e os arabes, descobrindo as naus e galés fundeadas diante da cidade, illuminaram as janellas para mostrarem que os não colhiam descuidados. Era vasta a cidade e populosa, e a vista de milhares de luzes, estrellando as casas no meio das trevas, offerecia aos olhos formoso espectaculo, contemplada do mar.

Salat-Ben-Salat, kaid de Ceuta, de Tanger, de Arzilla, e de outros logares da costa, descendia da guerreira raça dos Ben Marins, e adiantado em annos, não se illudia com apparencias. Conhecendo de nome e de reputação a D. João I, e vendo-o com tão grande poder sobre Ceuta, deu-se logo por perdido. Dizia-lhe a experiencia, que um rei poderoso, e costumado a subjugar a fortuna, não intentava feito como este, rodeado dos filhos e da flor de seus cavalleiros, para levantar mão d'elle, sepultando em um dia as glorias de todo o seu reinado. No inverno da vida, não alvoroçavam a Salat-Ben-Salat os brios impetuosos, que de longe desprezam os maiores perigos, mas que, a braços com elles, trocam depressa a ousadia pelo desalento.

Olhava para as aguas coalhadas de centenares de velas, recordava as proezas admiradas do rei e dos capitães que via diante de si, e comparando o que devia temer d'elles com o que podia esperar das multidões indisciplinadas dos arabes, sentia-se fraco e pequeno para resistir, e para poupar á sua bella cidade a ruina e o captiveiro. Os moiros mancebos, reprehendendo-lhe a desconfiança, e apodando quasi de covardia a sua prudencia, zombavam dos homens cobertos de ferro, que vinham por cima das ondas medir forças com a destreza das suas armas e com a ligeireza de seus corceis. Cedo os desenganou o successo, de que o velho alcaide tinha razão [3]!

Rompeu o dia 21 de agosto, e o infante D. Henrique, com as pranchas já fóra das galés, e a gente toda apercebida, só aguardava o signal para saltar em terra. Pela praia volteavam os moiros em corridas bellicosas, terçando as lanças, e arremessando as azagaias com apupos aos nossos e alaridos ferozes. Saíu o sol, começaram a aquecer as armaduras, e avivou-se a impaciencia dos que tremiam de raiva, retidos no convez por ordem de D. João I. Por fim, não podendo já supportar a demora, lançaram-se os mais insoffridos nos bateis, e mandando responder com a brava alegria das trombetas ao desafio dos anafis arabes, investiram com a terra.

Foi dos primeiros que a pisaram o infante D. Henrique, com Estevão Soares de Mello e Mem Rodrigues de Refoyos, seu alferes, seguidos de pouco mais de cento e cincoenta homens, ferindo logo renhida peleja com os defensores, até de envolta com elles romper pelo bairro da Almina dentro. A esse tempo já o infante D. Duarte luctava tambem corpo a corpo com os moiros, e ao lado do irmão arrancava os infieis de todas as posições para os encostar ás entradas da cidade. Decidiram depois os dois principes, como valorosos, seguir a fortuna aonde ella os levasse, e, unindo em um só corpo os trezentos companheiros, com tanto vigor apertaram os inimigos, que os obrigaram a recolher-se cortados de medo e do ferro, e alcançaram, travados com elles, transpor as portas da cidade, aonde a batalha se accendeu muito mais fervorosa do que fôra [1].

Soou sem detença aos ouvidos de Salat-Ben-Salat a triste nova de ter sido invadida Ceuta, sem lhe valer a fortaleza das muralhas nem o braço dos moradores, e rebentando-lhe as lagrimas, vencido antes de consummada a derrota, mais cuidou de si e dos thesouros, do que das obrigações de capitão e de senhor. A esse tempo os infantes, conquistando o caminho palmo a palmo, occupavam o alto denominado do *Cesto*, d'onde não podiam facilmente ser rechaçados. Separando-se então, D. Henrique accommetteu os moiros que lhe disputavam a rua direita, e não só os repelliu, como suspendeu os que vinham após alguns christãos fugitivos.

Cerrando a cara do bacinete e embraçando o escudo, depois de deixar passar os seus, o infante saíu ao encontro dos arabes, e combateu-os com esforço tão destemido, que os constrangeu a dar as costas. Os portuguezes, reanimados então com o exemplo, e voltando atraz, vingaram a affronta no tropel dos contrarios, levando-o nas pontas das lanças confuso e ennovellado até ás Casas dos Genovezes, ditas da Aduana, aonde, reforçados por muitos chamados em seu soccorro, elles tornaram a suster-se e a virar o rosto, rompendo e desordenando os christãos em fuga descomposta.

Foi aqui o lance mais arriscado para o infante. Vendo correr os seus como cegos de terror diante dos infieis, e estes ensoparem os ferros nos que alcançavam, cresceu-lhe por modo tal a ira, que, sem contar os companheiros nem os inimigos, se arrojou ao meio das fileiras tumultuosas dos arabes, e ferindo a um lado e outro, conseguiu detel-os a principio mais ainda com o espanto do que pelo estrago dos golpes, que, apesar de repetidos, sempre eram golpes de poucos homens. Recrudesceu a peleja, recuaram os infieis, e não pararam senão cobertos com a sombra dos muros do castello.

Mas chegados a este ponto, favorecia-os a estreiteza da rua. Engrossando com o auxilio dos que vinham do alcaçar e das torres de Barbaçote, e colhendo os portuguezes quasi entalados entre as muralhas da cidadella, o muro fortificado que dividia as duas cidades (alta e baixa), e a multidão que de instante a instante affluia compacta, cuidaram ter segura a victoria e vingado o sangue dos seus. Não seriam mais de dezesete os cavalleiros que se acharam com D. Henrique n'este trance. Os outros haviam-se apartado a pouco e pouco, estes attrahidos pela cubiça do saque, aquelles abrazados de sêde e em busca de agua.

Foi, pois, apenas com esses dezesete, que o acompanharam sempre, que o infante por tres horas se

1 Publicou a bulla o padre João de Xira em um douto sermão prégado a todos os que seguiram el-rei.

2 Çurita. *Annaes de Aragão.* — Duarte Nunes. *Chronica de D. João* I, cap. LXXXVII.

3 Duarte Nunes. *Chronica de D. João* I, cap. XC e XCI. — Azurara. *Chronica del-rei D. João* I, p. III, cap. LXXI e LXXII.

1 Duarte Nunes. *Chronica de João* I, cap. XC e XCI. — Azurara. *Chronica del-rei D. João* I, p. III, cap. LXXI e LXXII.

defendeu bizarramente, e suppondo-o todos morto já, ou captivo, não só conservou o posto, como, investindo por ultimo com os barbaros, conseguiu mettel-os pela porta que abria para a segunda villa, e de roldão com elles apoderar-se d'ella, obrando gentilezas, que depois se contavam como prodigios.

D. João I tinha desembarcado. O ruido das armas dentro da cidade, ouvido pelos cavalleiros que o rodeavam, e o som das trombetas, chegando de longe aos ouvidos, foram os primeiros nuncios da victoria começada por seus filhos. Queixavam-se os cavalleiros moços da demora, e de lhes ser roubada a honra dos primeiros golpes. Para os contentar, consentiu el-rei que invadissem a cidade, em quanto de fóra, elle, como avisado capitão, ordenava as coisas para coroar o triumpho com o assalto do castello.

No meio d'estes cuidados veiu a voz sinistra da perda do infante sobresaltal-o repentinamente. Por maior que fosse a dor, soube contel-a, respondendo aos que lamentavam a desgraça, que tão cara fazia pagar a conquista: «Em boa hora fosse! Morreu no seu officio.» Quando, porém, a má nova se converteu na festiva noticia das proezas que notámos n'este mal esboçado quadro, não pôde reprimir a alegria como soubéra esconder a tristeza, revelando a ternura e o orgulho que alvoroçavam seu robusto coração [1].

Desamparada dos ultimos defensores, Ceuta em um dia tornou-se portugueza. O estandarte de Aljubarrota fluctuou nas ameias do castello, e nas mesquitas, em logar da voz dos muftis, resoaram os hymnos dos sacerdotes christãos. Bastaram poucas horas para a espada de D. João I desengastar esta joia inestimavel da coroa dos Ben Marins.

Restituido ao reino, premiou el-rei o infante D. Henrique com o titulo de duque de Viseu, e o infante D. Pedro com o de duque de Coimbra.

Assim se armaram cavalleiros os filhos do mestre de Aviz.

(Continúa) REBELLO DA SILVA.

[1] Duarte Nunes, cap. XCI e XCII. — Azurara, cap. LXXIV a LXXXI.

OS CHARLATÃES

A palavra *charlatão* parece vir do italiano *ciarlare*, ou do latim *garrulus*, charlar, garlar, fallar inconsideradamente, com immodestia e volubilidade. Dá-se especialmente este nome aos homens que, sem estudos, e sem conhecimento da arte de curar, a exercem, distribuindo como especificos remedios de sua invenção, e enganando nas encruzilhadas o publico para se enriquecer á custa d'elle. Tal era o remendão de que falla o fabulista romano.

Cada edade e cada nação tem os seus charlatães. Haverá charlatães em quanto houver homens credulos, ou antes, em quanto houver homens.

O duque de Rohan, que morreu em 1638 por effeito das feridas que recebêra na batalha de Rhinfeld, viajando na Suissa, e achando-se incommodado, mandou chamar um medico. Trouxeram-lhe o mais afamado do cantão, o dr. Thibaud.

— O seu rosto não é desconhecido para mim, disse-lhe o duque.

— Não póde haver dúvida, sr. duque, pois que tenho a honra de servir em casa de vossa alteza.

— E em que qualidade?

— Na qualidade de alveitar.

— E agora é medico?

— Como qualquer outro.

— Mas como trata os seus doentes?

— Como trato os cavallos de vossa alteza. Morrem-me alguns, é verdade, mas curo muitos. Não me descubra, portanto, vossa alteza, e deixe-me ganhar a vida com estes pobres suissos.

Figaro, como se vê, não foi o primeiro que deu ao homem o curador de animaes.

Funda-se o charlatanismo na necessidade que os homens tem de curar, necessidade que a medicina não promette sempre satisfazer. O imperio do charlatanismo é infinito e a sua clientela innumeravel: abunda em toda a parte onde estão em maioria os ignorantes e parvos; onde não estão?

Observem como na praça publica a multidão se acotovela em torno de um orador emplumado e agaloado, que parece dar-lhe o que lhe vende.

Vê-se continuamente os charlatães adquirirem riquezas e posição em pouco tempo, e sempre ficâmos admirados com isso. Nada ha, todavia, mais simples. Tivera um habil medico por algum tempo um criado intelligente. Este homem despediu-se sem causa, e decorreram dez annos sem que o medico ouvisse fallar d'elle. Certo dia, o doutor, atravessando um largo, deteve-se para ouvir um eloquente charlatão que estava cercado de numeroso auditorio, e o seu espanto foi grande reconhecendo n'elle o antigo criado! Regressando a casa, pensava em tão singular acaso, quando o criado veiu procural-o.

— Então já estás medico, hein?

— Para o servir, meu senhor.

E o criado referiu como, julgando a profissão de medico mais proveitosa que a de servo, se fizera medico; como, com o auxilio de algumas fórmulas que aprendêra, se impozera a algumas pobres familias; como, valendo-se de algumas receitas de que tirára cópia, tinha effeituado diversas curas; e como, em fim, ao cabo de dez annos conseguíra amontoar riqueza egual, ou superior talvez, á que o antigo amo ganhára com muito custo e muitas vigilias no longo espaço de trinta annos.

— Isso parece impossivel, exclamou o medico; porque, no fim de tudo, não passas de um charlatão!

— Não o nego, doutor, pois julgo que é por isso mesmo que sou feliz.

E, levando o antigo amo á janella, accrescentou:

— Passeiam alli sessenta pessoas, doutor: em quantas suppõe bom senso?

— Em seis ou sete, quando muito, respondeu o medico.

— Dou-lhe dez, respondeu o charlatão, que hão de augmentar a sua clinica; o resto ficará para mim.

Só ha charlatanismo no homem que scientemente e fraudulentamente engana para alcançar dinheiro ou affeições.

Não haverá ninguem menos charlatão que o doutor Crisart, porque dava á imperatriz Maria Luiza pilulas de miólo de pão com assucar; com um remedio que não era remedio, curava um mal que não existia; ou antes, o mal que a imperatriz tinha, mas só na imaginação, o que justificava tão innocente especifico. A probidade tem fraudes como a piedade.

O homem que engana porque é enganado, ou tem por verdade o erro que divulga, não é charlatão, é estulto. Mas qualquer que seja o habito que traje, é charlatão o homem que se inculcar por meio de boas palavras e artificiosas demonstrações.

D'este modo ha charlatães na sciencia, na litteratura, na politica, na administração publica, e até na devoção. Taborin, Cagliostro, Law e Tartufo, pertencem á classe dos charlatães; porém o mais perigoso de todos é, sem contradicção, o ultimo.

O charlatão é, pois, o que se dá qualificações que não tem; é o que inventa parentela de alta gerarchia para adquirir importancia; é o que usa de veneras que nenhum governo lhe concedeu; é o que inculca merecimentos que ninguem lhe reconhece; é o que faz gala de sciencia que não possue; é, finalmente, o que não sabe ser modesto para esconder os defeitos e realçar as virtudes.

B. A.